

Adesão à Netflix pode estrangular web

Peter Burrows

Vídeo deverá representar 90% do tráfego em 2014, o que leva executivos a refletir sobre o serviço

Por qualquer medida, a Netflix está tendo um ano muito bom. Sua base de assinantes cresceu 52% no terceiro trimestre e o preço de sua ação dobrou desde 1º de julho. Analistas e clientes estão otimistas com a companhia de Los Gatos (Califórnia), enquanto ela passa de um serviço de entrega de DVDs para uma provedora de entretenimento sob demanda e uma rival de fato para a TV a cabo.

Os 16 milhões de assinantes da Netflix estão tão ansiosos para assistir pela internet filmes de Sandra Bullock - "Crash" e "Um Sonho Possível" são no momento o primeiro e o quinto filmes mais vistos -, que a companhia agora responde por 20% de todo o tráfego da internet no período da noite nos EUA, segundo a Sandvine, que fabrica equipamentos de monitoramento de rede. Na conferência Web 2.0, realizada na metade de novembro, o executivo-chefe da Netflix, Reed Hastings, foi perguntado se a infraestrutura da internet conseguirá suportar a pressão, na medida em que seu negócio de streaming (distribuição de vídeo) vai crescendo. "Se há uma coisa na qual você vai querer apostar, é que essa tecnologia tornará a amplitude de banda mais barata e mais rápida", respondeu Hastings.

Essa aposta poderá não ser tão segura quanto parece. É verdade que a história é reconfortante e a progressão do modem discado para o cabo de fibra óptica levou a uma ampliação de banda que atende facilmente a demanda. Ainda assim, não há nada como o "feitiço duplo" do vídeo e da telefonia móvel que está a caminho, afirmam executivos e analistas do setor. Um filme de alta definição é muito maior que um e-mail ou uma página da internet, os tipos de conteúdo que a internet foi criada para transmitir. E existem hoje mais de 50 milhões de usuários de smartphones nos EUA, muitos dos quais querem acompanhar o seriado "Glee" na fila do supermercado.

A estimativa de tráfego na internet mais citada, a da Cisco Systems, sugere que ele vai triplicar até 2014, para 64 exabytes por mês (o tráfego mensal em 2006 foi de cinco exabytes, suficiente para armazenar todas as palavras já ditas). Nesse ponto, mais de 90% do total será de vídeo.

Michael Howard, cofundador da empresa de pesquisas de mercado Infonetics, diz que os números da Cisco podem ser conservadores. O pior cenário imaginado por ele: as companhias de telefonia suspendem o aumento nas velocidades oferecidas, deixando os consumidores com conexões lentas, atrapalhando a inovação na internet.

O problema diz respeito tanto ao lado econômico quanto ao tecnológico. Pela mesma mensalidade de US\$ 40, os consumidores podem enviar um kilobyte em e-mails, ou assistir à versão do diretor de 30 gigabytes de um filme em alta definição. Ao contrário do que acontece com as contas de energia e água, não existe um medidor para controlar quem consome demais.

Um estudo da Juniper Networks aborda a questão da "receita por bit". A previsão é de que as operadoras verão suas receitas com a internet crescer 5% ao ano até 2020. Enquanto isso, o tráfego nas redes crescerá 27% ao ano, e as companhias terão que investir mais 20% ao ano para acompanhar a demanda. Por essa matemática, os modelos de negócios das operadoras se esgotarão em 2014, quando a necessidade total de investimentos vai superar o crescimento das receitas. O executivo-chefe da Juniper, Kevin Johnson, apresentou essas constatações em um evento da companhia do qual participaram 227 executivos de empresas telefônicas. Poucos deles demonstraram medo. "Pelo menos metade deles disse que isso não vai acontecer em 2014, porque já está acontecendo", afirma ele.

Nem todos esperam que as operadoras deixem de investir em capacidade, mas há uma concordância ampla de que um aperto financeiro se aproxima. Craig Moffett, analista da

Sanford C. Bernstein, vem estudando a questão do ponto de vista das operadoras de telefonia sem fio.

Na medida em que o tráfego dispara, ele acredita que a receita por megabit vai cair dos atuais US\$ 0,43 para apenas US\$ 0,02 centavos em 2014. Isso significa um retorno bem menor sobre os investimentos, uma medida-chave para as companhias de telecomunicações. Stuart Elby, vice-presidente de arquitetura de rede da Verizon Communications, diz que simplesmente construir canais maiores "parece uma batalha perdida. Posso encontrar meios de aumentar a capacidade, mas é difícil justificar isso se eu não tiver retorno em termos de receita".

A rusga ocorrida no fim de novembro entre a Comcast e a Level 3 Communications mostra como o problema pode ser complexo. A Level 3, que opera redes de transmissão de dados entre cidades, recentemente fechou um acordo com a Netflix para ajudar a acelerar a entrega de seus vídeos. O resultado foi um aumento do tráfego da Level 3, que eventualmente passa pelos cabos da Comcast para chegar aos assinantes da companhia. Em 29 de novembro, a Level 3 acusou a Comcast de cobrar taxas exorbitantes para conduzir o tráfego adicional. A Comcast respondeu afirmando que não tem obrigação de arcar gratuitamente com isso. O diálogo é um sinal dos tempos: mesmo que a tecnologia esteja à altura de transferir grandes pacotes de dados, ninguém tem certeza sobre como isso dever ser pago.

Em última instância, a maioria dos especialistas prevê que os consumidores mais intensivos de dados terão que pagar mais, e que isso provavelmente vai ocorrer na forma de planos com faixas de preços. Eles já são comuns na Europa e Ásia, mas os americanos estão acostumados a não ter limites. As redes móveis podem já ter se movido nessa direção: em junho, a AT&T acabou com o plano de dados ilimitado por US\$ 30, forçando os consumidores a optar entre dois planos que impõem um teto de uso em 0,2 ou 2 gigabytes por mês. Uma pesquisa feita pela Sanford Bernstein constatou que um terço dos clientes da AT&T ficaram desapontados com a companhia como resultado da mudança - muito embora o assinante médio tenha um consumo bastante inferior ao teto de 2 gigabytes.

Em 1º de dezembro, o presidente da Federal Communications Commission (FCC), Julius Genachowski, deu sua aprovação aos tetos para as redes de telefonia fixa e disse que as operadoras devem ter uma "flexibilidade significativa para enfrentar os efeitos do congestionamento". Isso pode soar como senso comum, mas é um golpe para os defensores da "neutralidade da internet", que acreditam que as operadoras não deveriam poder discriminar determinados tipos de conteúdo, como os filmes em alta definição.

Essas mudanças no modelo de negócios são novas o suficiente para que os grandes transmissores de dados como a Netflix ainda não tenham se adaptado a elas. Mas em uma chamada de lucros triunfante feita em 20 de outubro, o executivo-chefe Hastings admitiu que o teto de dados imposto pela AT&T poderá limitar a demanda pela transmissão de filmes por aparelhos móveis. Para Moffett, da Sanford Bernstein, foi uma admissão formidável. "É a primeira vez que ouço um desses executivos-chefes admitir o que deveria ser óbvio: que você simplesmente não pode apostar na disponibilidade contínua de amplitude de banda".

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 7 dez. 2010, Empresas, p. B2.